

EM FAVOR DOS OPERÁRIOS – CASAS BARATAS

Work instruments: favoring the workers – low-priced houses

Lorena Almeida Gill

Na imprensa diária, um dos debates sempre presentes, nas primeiras décadas do século XX, era a questão da moradia popular.

Pelotas possuía, nesse período, 124 cortiços contabilizados pela Estatística Oficial e um outro número bem superior, que não aparecia em nenhum livro de registros.

A habitação dos mais pobres era vista como um local de aglomeração fétida, que propiciava um ambiente acolhedor a todos os tipos de doenças, sendo necessário, portanto, ou promover reformas nestas casas, ou até mesmo destruí-las.

A alternativa para a resolução desse problema colocou-se na construção das chamadas vilas operárias na cidade, a cargo de empreendedores, para os quais a imprensa percebia um espírito caritativo, já que estes deveriam erguer pequenas casas saudáveis a preços módicos, para a população trabalhadora.

O jornal *A Tribuna*, que durou apenas dois anos (1911-1912) e era vinculado à Maçonaria, publicou três artigos sobre o tema, que serão apresentados nesse número da *História em Revista*, como Instrumentos de Trabalho.

INTERESSE LOCAL

Em favor dos operários

CASAS BARATAS

I

Parecerá, à primeira vista, que o problema da edificação de casas especiais para as classes menos favorecidas da sociedade não deva merecer ainda o estudo da nossa administração municipal, atraída esta para assuntos de palpitante atualidade, que estão reclamando pronta solução.

Revele-se-nos, porém, advertir que a previdência há de ser sempre uma virtude nos detentores de um governo e que seria gravíssimo erro esperar épocas agudas de crise para a realização de medidas que, tomadas em tempo, desenvolvidas sem afogadilhos, progressivamente, são bem aceitas por todos e evitam queixas e reclamações oriundas de erros passados.

Cresce a nossa cidade todos os anos, a sua população aumenta e impossível é deixar-se que as classes menos favorecidas da fortuna, sem conforto nem higiene, habitem os cortiços, condenados unanimemente pela sua completa insalubridade, ou vivam em casas isoladas, mas numa promiscuidade de famílias, alojando-se, às vezes, em uma alcova três ou mais pessoas,

separados os leitos por esteiras velhas ou panos úmidos, receptáculos de todas as impurezas da atmosfera.

Nessas moradias insalubres, as moléstias infecto-contagiosas visitam com freqüência os habitantes, que, além das circunstâncias desfavoráveis do meio, têm contra si a ignorância dos preceitos mais rudimentares de higiene.

A tuberculose, a inimiga mais acérrima da família operária, encontra nessas habitações coletivas, sem ar nem luz suficientes, e impregnadas de umidade, as condições mesológicas, as mais favoráveis, para o seu reinado devastador, e os casos fatais se sucedem, neste regime, com uma crescente regularidade, que confrange o espírito observador.

Alguma coisa se deve e se pode fazer em benefício dos pobres, cujos minguados recursos os obrigam a procurar esses casinholos pela barateza do aluguel, e nos quais aliás pagam o mais elevado dos tributos - o da vida dos entes caros que cedo se vão, quando não é o da própria vida, deixando na miséria e na orfandade uma família inteira.

A nossa edilidade, é verdade, mostrou sua reprovação aos cortiços, taxando-os com o imposto anual de 20% sobre as rendas; mas este ônus não os impede de serem habitados, impossibilitados como se acham os locatários de encontrar moradias mais convenientes ao alcance de seus fracos rendimentos. Do imposto só uma coisa lhes advém: é o aumento do preço do aluguel, que o locador cobra acrescido da taxa predial.

No entretanto as classes laboriosas, como fontes ativas de prosperidade geral, precisam ser amparadas, defendidas nas suas necessidades, e desde já o problema das suas habitações devem reclamar a atenção do poder público.

- A lei única da edificação de nossas cidades, grandes talvez amanhã, centros naturais de trocas comerciais, empórios industriais, no dizer ponderado do engenheiro civil sr. Everardo Backheuser relator da comissão nomeada pelo sr. ministro do interior para dar - parecer sobre o urgente problema das habitações populares, é a lei do menor esforço, esse mesmo sob cujos infelizes auspícios se formou a cidade do Rio de Janeiro, cuja reforma tanto está custando. Esse é o modo por que se vão fazendo as cidades por esse Brasil afora.

Seja-me lícito, portanto, lembrar ao Poder Público conveniência de acautelar o futuro interesse de muitas cidades, que por imprevidência não olham para essas questões. Diremos em outro artigo como o problema que nos ocupa tem sido abordado, e qual a solução que, entre nós, se lhe poderá dar, respeitando direitos adquiridos e, portanto, muitos dignos de serem tomados em consideração.

A Tribuna, 05 de Janeiro de 1911 - pág.1

INTERESSE LOCAL

Em favor dos operários

CASAS BARATAS

II

No nosso primeiro artigo, prometemos mostrar como o problema das edificações para uso das classes operárias tem sido encarado geralmente.

Nem só os governos e especialistas, como até, sob o ponto de vista teórico, os filósofos, se preocuparam com o máximo interesse do importante assunto, e ainda hoje lhe é consagrado o mais detido estudo pelos que procuram uma solução justa e pacífica à questão social.

Augusto Comte, a este respeito, merece especial menção, pois de uma maneira circunstanciada descreve o que deve ser a habitação operária, onde reúne a família, cercada de todo conforto físico e espiritual e ligada pelos estreitos laços da afetividade, sob a predominância moral da mulher - superior ao homem pelas espontâneas e excelsas virtudes de seu formoso coração.

Para este filósofo, a casa proletária deve ter sete cômodos: - uma sala para reunião e recepção, outra destinada ao preparo e consumo dos alimentos, um quarto para os esposos; outro para os avós; dois para os filhos, com separação dos sexos; e finalmente a capela, "onde cada um possa desenvolver o culto pessoal, e que serve de santuário para a comum celebração do culto doméstico".

Baseado neste molde, lemos que o notável engenheiro dr. Saturnino de Britto construiu nos arredores da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, uma casa de bela aparência, a que acrescentou apenas um compartimento indispensável para banheiro e latrina.

À simples enumeração dos preços é cabal para mostrar que na atualidade tal construção, pelo seu preço relativamente elevado, não poderá se generalizar como conviria, ficando certamente os aluguéis muito acima das posses daqueles a quem se procura favorecer.

É possível proporcionar a todos os operários casas nessas condições? Pergunta o sr. Teixeira Mendes, sacerdote magno da religião da Humanidade no Brasil e logo após responde:

- É perfeitamente possível, porque não faltam recursos para isso: há apenas má explicação da atividade. Não são braços que faltam na sociedade; o que falta é uma aplicação conveniente desses braços. O salário deve ser o mesmo para todas as profissões. Não é paga do trabalho, porque o trabalho humano não comporta outra paga senão o prazer da dedicação e a gratidão social.

O salário deve ser suficiente para as satisfações das necessidades de cada um, com sobriedade e modéstia. O luxo é um mal tão grande como a miséria. O luxo era um peso para um S. Paulo, como para um Luiz IX.

As razões que aduz o ilustre sr. Teixeira Mendes para crer na realização futura da casa proletária, projetada por Augusto Comte, são de ordem a nos evidenciar a sua

inexequibilidade, ao menos em tempos próximos, tão contrárias são aos nossos costumes e à ordem legal estabelecida.

Excelente tipo de habitação, o imaginado pelo preclaro filósofo francês, sob qualquer aspecto por que se o encare, o custo dela, porém, não permite imitá-la, em todas as linhas, senão quando a crise social estiver cabalmente resolvida, e isto mesmo, se algum dia o foi, para felicidade e concórdia da família humana.

Forçoso é buscarmos, no presente uma solução prática e imediata ao problema de tais construções, baseada, porém, sempre nas duas condições, a nosso ver, indispensáveis para o verdadeiro êxito - salubridade e barateza.

É o que examinaremos no próximo artigo.

A Tribuna, 07 de Janeiro de 1911

INTERESSE LOCAL

Em favor dos operários

CASAS BARATAS

III

Deixemos estabelecido que as casas a edificarem-se para as classes pobres precisam reunir à barateza do aluguel boas condições de salubridade, não devendo, é claro, postergar-se a solidez, que dá estabilidade à construção.

Obterem-se tais elementos reunidos, sem orçamentos elevados, é o problema cuja solução importa ao bom êxito, que se procura alcançar nas circunstâncias atuais de existência de uma grande parte do nosso proletariado.

O preço ainda cômodo dos terrenos, fora do centro da zona urbana, parece indicar o local mais próprio para essas edificações, além disso, o maior espaço de que aí se poderá dispor, sem grandes sacrifícios, facilitará cercar as habitações dos meios higiênicos indispensáveis, como fácil renovamento de ar e insolação direta, em todas as peças.

Não deve, porém, o local ficar a grande distância da fábrica ou oficina em que trabalha o obreiro, do contrário tornar-se-á bastante incômoda e até prejudicial a caminhada, todos os dias, para o emprego, especialmente nas manhãs invernosas e de chuva!

A economia na construção só é possível conseguir-se pelo aproveitamento de algumas paredes, que serão comuns a uma ou mais casas.

Estas, possuindo fachadas singelas, mas de agradável aspecto, poderão ajuntar-se em grupos de quatro ou em linhas paralelas, como nas chamadas Avenidas, com renques de árvores de folhagem persistente, que purifiquem o ar e, pela sua evaporação, mantenha a secura do solo.

Construções para as classes laboriosas menos favorecidas da fortuna, reunindo os elementos principais que referimos, já se encontram na Capital Federal e em outras cidades nossas, embora ainda em pequeno número; mas as que existem atestam a possibilidade de executá-las, entre nós, com evidentes e seguras vantagens, não só para os inquilinos, que passam a desfrutar outro conforto que lhes não ofereciam as estalagens e os cortiços.

Transcrevemos, aqui, a notícia que lemos de uma dessas moradias de operários, existente não longe do centro do Rio de Janeiro e por isso muito procurada.

"A Vila Ruy-Barboza, implantada no coração da cidade, é exteriormente suntuosa. O corpo central e os corpos extremos em três pavimentos, tendo intercalados outros corpos e dois andares somente, dão conjunto uma feição nobre, o que não impede de, no seu bojo, acomodarem-se as classes menos favorecidas.

O interior da Vila compõe-se de uma larga rua central, arborizada, calçada, iluminada, interceptada perpendicularmente por uma série de travessas, também arborizadas.

Os grupos de habitações interiores, em geral em dois pavimentos, servem para alojar no andar térreo as famílias, havendo no superior um longo corredor com quartos destinados aos solteiros.

Há 145 casas para famílias e 324 cômodos para celibatários.

Estes quartos são independentes, mas para vigiá-los a todos, instala a companhia proprietária em cada extremidade do corredor um casal, de modo a ser mantida a ordem e a decência.

Dois armazéns de secos e molhados, um açougue, uma farmácia, uma carvoraria, um restaurante, uma sapataria, completam as dependências da Villa, sendo por este modo fável aos próprios moradores a aquisição dos gêneros mais necessários.

Todos os compartimentos da Vila estão sempre alugados e tão grande é a procura que chega ao ponto do novo pretendente oferecer luvas ao locatário antigo.

Está calculado para cada cômodo e por pessoa, adulta ou menor, um volume de ar de 16 metros cúbicos, o que concorda com a média das prescrições dos higienistas.

Os aluguéis mensais variam do seguinte modo: uma pessoa 20\$000, duas 30\$000; três ou quatro 35\$000, cinco ou seis 45\$000; sete ou oito 50\$000.

Cada casa de família tem a sua latrina, o seu banheiro, o seu quintal completamente independentes, de modo a manter isolado o recato de cada lar, embora, pela proximidade das habitações, vejam-se obrigados os moradores a um salutar convívio social."

Se em uma capital como o Rio de Janeiro, onde o terreno, mão de obra e materiais são caros, é possível vivendas, onde o bem-estar e até a aparência de luxo existem, por um aluguel relativamente módico, em um centro como o em que estamos, de condições mais favoráveis para o orçamento de uma construção, é bem mais fácil conseguir moradias higiênicas e

modestas, onde a vida dos laboriosos jornaleiros corra placidamente, sem os riscos e os incômodos das habitações acanhadas e insalubres.

Trataremos, proximamente, dos meios a serem em prática para chegar-se ao almejado resultado.

A Tribuna, 10 de Janeiro de 1911 - pág.1